



Redenção
do **coração**

Versão estendida do livro "Minha redenção"

PRY OLIVIER



Redenção
do coração

Versão estendida do livro "Minha redenção"

PRY OLIVIER

Refênc
do **coração**

Versão estendida do livro “Minha redenção”

PRY OLIVIER

Copyright © 2021 Pry Oliver

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Capa: Designer TTenorio

Revisão: Lidiane Mastello

Leitura final: Kiti Miguel

Diagramação Digital: Jack A. F.

Imagens: Depositphotos

Ilustração: @artes_da_nat

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento da autora.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Edição Digital | Criado no Brasil

1º Edição

Agosto de 2021



Sinopse

A menina má e o advogado de ouro têm muito mais em comum do que pensam.

Eu a protegi, mas ela drenou todas as minhas forças e isso me forçou a deixá-la em sua adolescência.

Agora, depois de atormentar minha vida por anos, a encenqueira foi forçada a se voluntariar em um orfanato, e ela está aqui, de joelhos na minha frente, propondo um casamento de conveniência e dizendo que sou o único homem em quem ela confia para proteger um bebê que ela tem como filha.

O problema todo é que, embora sejamos archi-inimigos, ainda me lembro de como era bom e quente tê-la em meus braços, mas algo forte em mim me obriga a protegê-la e a mergulhar de cabeça nesta loucura.

Casado por conveniência, terei que lutar contra os sentimentos que gritam por ela e lidar com os terríveis segredos de seu passado conturbado.

Livro único entre *Enemies to Lovers*, com uma heroína esperta, um advogado deliciosamente protetor e um trauma de partir o coração.



Trilha Sonora

Para ouvir a playlist de “Reféns do coração” no Spotify, abra o app no seu celular, selecione “buscar”, clique na câmera e posicione sobre o code abaixo.



Ou clique [aqui](#)



Nota da Autora

Reféns do coração, livros único, é uma versão completa do livro “Minha Redenção”, escrito por mim, no ano de 2018.

Por favor, esteja ciente de que "Reféns do coração" é um romance maduro e alguns capítulos podem gerar desconforto.

Gatilhos:

- Bullying infantil com consequências graves (Transtorno alimentar marcado por compulsão, seguido de métodos para evitar o ganho de peso)
- Relatos do passado de violência psicológica, física e sexual



[Sinopse](#)

[Trilha sonora](#)

[Nota da Autora](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 07](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 09](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

[Capítulo 38](#)

[Epílogo 1](#)

[Epílogo 2](#)

[Agradecimentos](#)

[Sobre a Autora](#)

[Redes sociais da autora](#)

[Outros livros da autora](#)



Prólogo

ALICIA

Antes

Lembrei-me de não ter dado um beijo de boa noite no papai, então resolvi reparar o meu erro.

Eu sempre batia antes de entrar, mamãe nos ensinava assim, mas, naquele dia, por um descuido, coloquei a mão na maçaneta primeiro, foi quando ouvi meu nome e paralisei.

— O conselho escolar me ligou. Alicia continua sem socializar com os coleguinhas. Ela já tem cinco anos, não é normal, Junior. Quero buscar ajuda específica para cuidar melhor da nossa filha.

Mamãe continuou falando do outro lado e uni minhas mãos na frente do corpo, silenciosamente esperando que não fosse um problema. Eu queria ter amigos, mas as crianças riam do meu corpo redondo, me chamavam de bola de fogo e isso deixava meu coração triste.

— Essa garota é estranha e isso veio da sua família, Samanta. Estranha a mãe e estranha a filha.

Então, mamãe também é estranha?

Por isso papai fica irritado, igual as crianças da escola?

— Alicia só precisa de ajuda e vou procurar segunda-feira. — A voz da mamãe saiu chorosa.

— Faça como quiser. Se ela parar de ser estranha, não sofrerá no

futuro... Você verificou se as crianças já estão dormindo?

— S-sim... eu... eu as deixei em um sono profundo e fechei as portas.

— Você sabe que não esqueci o que você fez mais cedo, não sabe, Samanta?

— Eu... disse que o Mimo é bonito como o pai. Você é o pai dele, Junior. Qual o problema?

— Não seja sonsa, Samanta. Vamos, estou sem paciência. Vire-se logo e levante os braços.

— Não, Junior, por favor.

— Feche a boca, mulher. Você está sofrendo as consequências dos seus erros e suas marcas só interessam a mim.

Minhas pernas tremeram, meu coração bateu rápido no peito e um aperto bloqueou minha garganta.

Papai estava machucando a mamãe, porque ela era estranha.

Trêmula, dei passos lentos para o meu quarto, onde parei em frente ao espelho da penteadeira e peguei uma escova para alisar meus cabelos ruivos.

Enquanto as cerdas macias deslizavam, fitei o reflexo da minha pele pálida e repeti o mantra pela primeira vez:

Não sou uma bola de fogo.

Eu não sou estranha.

Eu não posso ser estranha.

Estranhas apanham.

Estranhas sofrem.



Capítulo 01

ALICIA

Dias atuais

— Não sou uma bola de fogo — afirmei, fitando o espelho frontal do meu carro, enquanto beliscava e coloria minhas bochechas antes de ter que descer para enfrentar meu primeiro dia de socialização forçada em um orfanato no centro da periferia.

Era inevitável.

Visitar aquele lugar duas vezes por semana, durante alguns meses, seria um martírio, contudo, eu tinha amor ao meu carro e a gorda mesada que recebia do meu irmão mais velho. Segundo ele, me faltava humanidade e blá blá blá.

Abri a porta, saí do carro e meu salto entrou no primeiro buraco.

Droga!

Calma, está tudo sob controle, Alicia.

Puxei o salto com força, respirei fundo e segui em frente, na direção do portão colorido.

Um velho me cumprimentou na chegada, forçando-me a sorrir. Fiz isso segurando minha bolsa importada com vigor. Se Deus ainda tivesse misericórdia de mim, eu sairia de lá viva e com todos os meus pertences.

Andei sobre o ladrilho e subi os três degraus da escada que conectava a

outro portão menor. Não havia gritos ou demonstrações infantis e isso me aliviou.

Se os pirralhos estiverem dormindo ou em aula, darei algumas voltas e retornarei para o carro, pensei, mas quando abri o portão que dava para um pátio interno, me deparei com dez fileiras de crianças uniformizadas, recitando o poema As borboletas, de Vinicius de Moraes, enquanto levantavam canudos com borboletas de papel nas pontas.

Branças

Azuis

Amarelas

E pretas

Brincam na luz as belas borboletas.

Imediatamente me lembrei do meu falecido avô, que antes de sofrer de Alzheimer, recitava aquele poema enquanto eu o acompanhava com meu piano.

Borboletas-brancas

São alegres e francas.

Borboletas-azuis

Gostam muito de luz.

As amarelinhas

São tão bonitinhas!

E as pretas, então...

Oh, que escuridão!

Não consegui reprimir o sentimento e tive que lutar contra a persistente nuvem de lágrimas que embaçou meus olhos.

— Tia, aqui está nosso presente de boas-vindas. — Um menino de pele retinta me estendeu um cartão feito à mão e uma borboleta no canudo.

Recebi e forcei um meio sorriso.

— Posso te abraçar agora? — ele perguntou, com as mãos na frente do corpo e um sorriso tímido.

Hmm... carinhoso demais para ser uma criança negligenciada, pensei, curvando-me para encará-lo de perto.

— Estou vacinada contra qualquer tipo de rasteira da humanidade, criança, então não tente me enganar com falsas demonstrações de afeto, certo? — falei pausadamente para que ele entendesse.

— Só quero um abraço... — disse cabisbaixo e dobrei meu pescoço, procurando seus olhos.

— E você acha certo pedir abraços para estranhos, *fofinho*?

— A senhora não é a nova tia do orfanato?

— As pessoas são ruins, garoto, muito ruins. Você já deveria saber disso só de estar aqui.

— Eu tô ficando triste, tia... — choramingou.

— Shh! Ninguém precisa saber quando você está triste, *fofinho*. As pessoas se aproveitam da nossa fraqueza para nos machucar!

— Alicia Azevedo? — A voz veio de trás e me recompus imediatamente.

— Sim? — Fitei a mulher de quadris largos e cabelos curtos.

— Sou Joana, responsável pelo Lar. As crianças ensaiaram o poema desde que o seu irmão, nosso bem-feitor, avisou das suas visitas.

— Ah, veja só que amor. — Forcei simpatia e observei os pirralhos caminhando em fila indiana para outra área do pátio.

— Venha, vamos conhecer o orfanato — chamou-me e caminhei ao

lado dela.

Tudo ali era colorido.

Em alguns minutos conheci os dormitórios, salas de aula, biblioteca, recreação, cozinha e, finalmente, chegamos ao temido berçário.

Precisei admitir que o cheiro de colônia infantil deixava qualquer ambiente agradável.

Só o cheiro, as crianças me apavoravam.

— Bem-vinda, querida — uma das mulheres sussurrou enquanto trocava a fralda de um *balofinho*.

— Somos sete mulheres voluntárias e o vovô Adão, meu pai, que cuida do jardim e da portaria — explicou Joana. — Temos três bebezinhos aqui no berçário. A mais novinha, tem quatro meses de vida e está no banho...

— Olha quem já tomou um banho gostoso, titias. — A voz veio de outra mulher, que entrou no berçário com uma criança embrulhada nos braços.

— Essa é a nossa caçula, a Florzinha. Ela tem uma condição genética e precisa de cuidados especiais. — Joana afastou a manta do rosto da menina e pude ver uma sonda de alimentação introduzida em suas minúsculas narinas. — A mangueirinha é temporária. Só até que ela seja forte o suficiente para tomar leite na mamadeira.

Minúscula, de olhos azuis, e tão pálida quanto eu, a criança colocou a língua para fora, riscou uma sombra de sorriso e...

Olhou para mim.

Sorriu para mim.

— Podemos voltar para o pátio agora? — indaguei, sem fôlego, precisando fugir dali.

— Você está bem? — Joana se preocupou.

— Só preciso respirar... Está abafado aqui. — Saí do quarto e andei

rápido na direção do bendito pátio.

— Titia, você é tão bonita — disse uma miúda, de cabelos longos e cacheados, que parou na minha frente, me impedindo de avançar. — Igual à pequena sereia com esse cabelo vermelho — completou.

— Vermelho, não. Ruivo — corriji, arfando, sem conseguir puxar o ar corretamente.

— Fiz um desenho *pra* você, minha titia linda. — Estendeu o papel e estudou minha reação.

Peguei com a ponta dos dedos, depois olhei o desenho da boneca ruiva, segurando a mão de uma criança com cabelos gigantes e...

Olhei para ela.

O desenho não tinha boca, nariz, tampouco olhos, mas o cabelo ficou bem retratado. Era a própria menina e, possivelmente, eu.

— Sei fazer carinho na cabeça. — Outra menor se gabou, sacolejando o corpo de um lado a outro.

— Sei cantar e já fritei ovos na cozinha. — O menino que me entregou o cartão na chegada também entrou na conversa.

— Eu! Eu! — A do cabelão deu dois pulos. — Sei passar paninho no chão e lavar pratos na pia. Subo no banquinho, titia. Eu ajudo.

O quê...?

— Defendo mulheres com meu murro forte. — O menino passou na frente da outra e mostrou o bíceps finíssimo.

Vozes infantis ecoaram em minha mente, todas ao mesmo tempo, fazendo minha cabeça girar e a garganta secar. Quando abraçaram minhas pernas, quase me derrubando dos saltos, levantei as mãos, evitando tocá-los.

— Crianças, soltem a tia Alicia. — Joana pegou na mão de uma delas e espalhou as outras. — Vão brincar. Restam poucos minutos para o início das aulas. Vão!

— Preciso ir. — Segurei a alça da minha bolsa. — Não me sinto bem, me desculpe.

— Mas você vai voltar, não é tia? — o menino perguntou, com os olhos tristes, me entregando a borboleta e o cartão que deixei cair no chão.

— Eu... — De posse dos mimos, abracei meus próprios braços e olhei para a mulher. — Realmente preciso sair agora.

Caminhei rápido na direção da saída e Joana seguiu os meus passos.

— Não se assuste. Elas só estão esperançosas por um lar. São assim com todas as visitas! — a diretora do orfanato gritou nas minhas costas.

Não olhei para trás. Continuei andando e segurando a bolsa na frente do corpo.

Quando entrei no carro, joguei as coisas no banco traseiro, debrucei a cabeça sobre o volante e esperei tempo suficiente para a respiração voltar ao normal.

Céus, aqueles pobres meninos cogitaram receber o meu amparo.

A necessidade nos levava a procurar água até em poços vazios.

Meu celular vibrou e o saquei da bolsa. Era minha ex-psicóloga. Me despedi dela na manhã do dia anterior. Foram anos contendo meus excessos, mas agora, tudo me levava à exaustão.

— Alicia, você precisa vir hoje. Reservei um horário mais cedo.

— Doutora Helena, agradeço tudo o que fez por mim... Tudo o que você faz ao se preocupar, mas eu... eu preciso de um pouco de espaço agora.

— Não faz isso, Alicia.

— Vai ficar tudo bem. — Cobri minha testa — Obrigada por se preocupar. Até qualquer dia.

Desliguei o celular, levantei a cabeça e encarei meus olhos marejados no espelho frontal do veículo.

Eu estava há três anos sem cometer nenhuma tolice relevante. Precisava descansar e deixar aquela pausa durar mais tempo.



O som do meu carro estava alto. A batida lenta e agradável me distraiu e não vi o momento exato em que furei um bendito sinal de trânsito e quase atingi um veículo que atravessou na minha frente.

Merda!

Segurei firme no volante e puxei o ar nos três segundos seguintes. Quando me atentei para checar o perímetro, vi olhos azuis intensos me encarando através da janela do veículo.

Felipe Moedeiros.

Por que meu coração ainda salta no peito toda vez que esse maldito loiro entra no meu caminho?

Desviei o olhar para o carona com o airbag acionado. Cogitei ser a avó dele, mas a culpa foi substituída pelo ranço quando percebi se tratar do novo casinho amoroso do maldito herdeiro bilionário.

Nojo!

— Alicia! — ele gritou e comecei a manobrar o veículo. — Alicia! — Saiu do carro e bateu no vidro da minha janela — Para esse carro, ruiva!

— O que é? Vai me colocar na cadeia? — gritei, abrindo o vidro. — O que pretende alegar? Infelizmente seu carro está intacto e sua cortesã parece muito bem. — Olhei para a mulher bonita que me encarava. — Cobre caro por seus serviços, minha linda. O doutor aqui é ruim de cama e tem o cacete minúsculo.

Felipe avançou, fechei o vidro rapidamente, mas ele meteu a mão por um pequeno espaço e agarrou meu punho.

— Não, você não é maluca! Peça desculpas para a Mariana, agora! — exigiu lá de fora e tentei me livrar de seu aperto.

— Os anos avançam e meu ódio por você aumenta, embuste! Vai se ferrar, você, ela e o mundo todo! — Virei a direção do carro, fazendo-o largar meu braço e saltar para longe do meu caminho.

Levantei meu rosto e fechei meus lábios. Mas quando saí da rua, desatei a chorar.

Não havia como voltar atrás, já sentia o vento frio vindo do penhasco de uma nova recaída.



Capítulo 02

ALICIA

Cortei minhas unhas bem curtas, pois já estava com medo de perder o controle depois dos últimos acontecimentos. Até meus amados brincos de pêndulos e cascata deixei que minha mãe levasse do quarto. Mas impedimentos eram apenas detalhes para quem precisava de alívio.

Fragmentos de um frasco de perfume estavam próximos a mim, no piso do box. A água quente que caía no meu corpo espalhava o sangue da ponta dos meus dedos da mão esquerda diretamente para o ralo.

Só não sorria com a sensação de paz e alívio, pois tinha consciência da loucura que era a minha vida, do monstro que começou na adolescência e sempre me consumia nos momentos de vulnerabilidade.

Os últimos dois meses foram difíceis.

Meu pai, um fugitivo da polícia que, em nome de uma vingança mesquinha contra um velho rival, acabou com nossas vidas, foi morto em uma operação policial, liderada por meu irmão mais velho.

Frustrada e exausta com tudo isso, olhei para o chão branco manchado de sangue, abracei meus joelhos e enterrei meu rosto nos braços. No fundo da minha alma, eu temia que a crise desencadeasse outras. Era complicado administrar tantos distúrbios internos, mas eu precisava me manter segura.

Fechei os olhos.

A única alternativa era pensar nos bons momentos da minha vida.

Eu tinha dez anos e chorava atrás de uma árvore antiga, quando Felipe Moedeiros, vestido com uma fantasia de príncipe, coloriu meu casulo.

— Posso sentar com você, fada? — perguntou e movi o rosto em negação, com vergonha de olhar para ele, um dos meninos mais populares da escola. — Sou Felipe... Trouxe um doce para você.

— Me deixe em paz. — Minha voz infantil saiu através de um soluço, então levantei meus joelhos, fechei meus braços sobre eles e abaixei meu rosto, me escondendo de tudo, daquele menino que queria tirar sarro de mim, assim como seus amigos faziam.

— Ei... — Senti seu calor ao meu lado. — Fadinha...

Alisou meu cabelo e o empurrei com meu cotovelo.

— É borboleta! — gritei sem sair da minha posição reclusa.

— É por isso que você está assim, brincando de casulo? — Ele deu uma risadinha.

— Vou entregar todos vocês ao meu irmão. — Minha voz falhou e o soluço ficou mais forte.

— Já te vi lá na escola. Você é a novata da classe ao lado. Alicia, não é? — Não respondi. Ele continuou: — Meu tio disse que um homem não pode deixar uma mulher chorar. Você passou por mim e me empurrou, mas vi que estava chorando... O que aconteceu lá dentro?

— As meninas maiores me viram comendo atrás do sofá e gritaram. Os meninos zombaram de mim e tentaram tirar minhas asas. Vocês são todos idiotas! — gritei em lágrimas, querendo que ele me deixasse em paz.

— Veja, o doce é de chocolate e parece delicioso. Se você não pegar em três segundos, vou comer.

— Coma tudo. Não quero nada.

— Um... Dois... Alicia... Borboleta...

— Por que está aqui? — Levantei o rosto e fitei o garoto bonito.

— Já disse, você passou chorando. — Sua mão chegou perto do meu rosto e os dedos deslizaram sobre meus cílios molhados.

— Não vai tirar sarro do meu corpo redondo? — perguntei e ele riu. — Você já está zombando de mim...

— Não, você que falou engraçado. Pegue seu doce e tente não chorar. Não vou tirar sarro de você. Vou te proteger dos meninos.

— Me proteger? — Pisquei para remover as novas lágrimas.

— Vou. — Ele colocou o doce perto da minha boca. — Experimenta — insistiu e dei uma leve mordida.

— De todos os meninos?

— Se eles pegarem no seu pé e seu irmão não estiver por perto... — Entregou o restinho do doce na minha mão. — Você é criança, Alicia. Criança tem que ser feliz.

Sorri mais calma e minhas bochechas esquentaram quando ele limpou algum excesso perto da minha boca.

— Promete que sempre vai me proteger dos garotos. — O borrão de lágrimas voltou aos meus olhos.

— Eles mexem tanto assim com você? — Felipe desviou da pergunta e se encostou no tronco da árvore.

— É porque sou estranha com esse corpo redondo. Só minha melhor amiga Andressa gosta de mim. Ela é magra.

— Vocês, garotas, são complicadas. Mas se quiser, pode andar comigo. Pelo menos por enquanto. Assim, eles vão te deixar em paz.

— Vou andar sempre com você, Felipe. Sempre! — Coloquei minha cabeça em seu ombro, fechei os olhos e me encolhi nele.

Felipe era gentil e perfeito, mesmo assim estava falando comigo.

— Agora preciso voltar para a festa, tudo bem? — Ele afastou minha cabeça, levantou e me deu a mão.

— Posso gostar de você, Lipe? — Passei o dorso da mão contra meus olhos.

— É, pode ser. — Não tive tempo de respirar, Felipe beijou os dois lados da minha bochecha, minha testa e a ponta do meu nariz.

— Obrigada... — Baixei meu olhar para o gramado, certa de que a pele do meu rosto estava muito vermelha, mais do que o natural.

— Você é uma gracinha, ruiva. — Ele tocou as asas presas no tecido das minhas costas. — Fica linda com asas de borboleta. — Pegou minha mão e uniu nossos dedos. — Não vou deixar que tirem suas asas.

— Você agora é o meu príncipe, Lipe. — Mordi o lado da minha bochecha, sem saber como lidar com a emoção repentina.

— Vou ficar com você até o final da festa. Não vou deixar você chorar, Alicia. — Levantou o meu queixo e olhou para mim de uma forma que me tornou especial. Era tão bom ser especial. — É uma promessa.

Naquele momento protegi o afeto do príncipe dentro da minha alma e desejei que a festa nunca acabasse, para que aquela promessa fosse eternizada.”



— Filha! — Acordei com gritos da minha mãe, que naquele momento desligava o chuveiro. — Já estou aqui, filha. — Ela beijou meu rosto e me fez levantar.

— Mamãe... — Fui enrolada no felpudo da toalha macia e direcionada para fora do box.

— Que marca é essa? Além de você, alguém te agrediu?

Observei onde ela alisava e fechei meus olhos por alguns segundos. A pressão dos dedos de Felipe deixou coágulos visíveis na minha pele pálida, mas aquela marca era o que menos importava no momento.

— Obrigada por vir, mas não precisava largar o trabalho, mamãe. Foi a Judite que ligou, não foi? — Apertei meus braços em torno da cintura dela.

— Ela ligou para o Heitor, ele estava comigo. Me fala de quem são os dedos na sua pele. Quem te machucou, minha filha?

— Eu mesma, mãe — blefei. — Perdão.

— Vamos para a cama. — Ela me direcionou.

Heitor, meu irmão caçula, estava lá, deitado com as costas na minha cabeceira. Brigávamos a maior parte do tempo, mas ele sempre aparecia quando eu precisava de ajuda. Eu amava aquele moleque.

— O que foi agora, Alicia? — perguntou quando me deitei ao lado dele. — Não se adaptou às crianças carentes, dondoquinha?

— Me deixa, pirralho. — Coloquei a mão entre o travesseiro e meu rosto. — Não quero que você me veja assim. Sai.

— Claro, rainha do tédio! — Heitor nem hesitou, saiu da cama e deixou o quarto sem olhar para trás.

No mesmo instante senti lambidas nos pés e me sentei na cama para receber o conforto do meu vira-lata caramelo.

— Desce, Teo — mamãe ordenou antes de voltar ao banheiro, e Teodoro choramingou, descendo da cama.

— Mais tarde vou brincar com você, tudo bem? — sussurrei e meu cachorrinho aumentou o drama.

Teodoro era muito apegado a mim. Tendo um passado nas ruas, ele temia a solidão e desfrutava da estabilidade do nosso lar. Até para passear precisava estar preso na coleira. A psicóloga me explicou que ele fazia essa exigência, porque tinha medo de se perder ou ser abandonado.

— Amanhã vou acompanhá-la na psicóloga. — Mamãe voltou com a caixa de primeiros socorros e começou a cuidar dos meus dedos.

Senti ardor quando o antisséptico entrou em contato com as feridas e estalei a língua. Agora a dor incomodava e minha mãe sabia que eu estava em pausa.

— Não vou mais... Ai! Já desmarquei com a Doutora Helena. Preciso

de um tempo. Por favor me entenda e não insista.

— Não vou te perder, Alicia. Você precisa da terapia, filha. — Mamãe passou uma mecha de cabelo para trás da orelha e vi lágrimas escorrendo de seus olhos.

— Só quem me ama pode me ajudar, mãe. Perdi dezoito anos da minha vida com essas terapias.

— Alicia...

— Já decidi e não vou voltar atrás. Quando os remédios acabarem, volto apenas para repor. Ainda não sou capaz de ficar sóbria sem essas drogas.

Mamãe estudou meu rosto. Ela desaprovava a ideia, mas não queria discutir naquele momento e piorar meu estado.

Como se fosse possível piorar algo em mim.

— Como foi no orfanato? — Ela pegou mais um dedo ferido e preparou o curativo.

— Eles são tão inocentes, pobrezinhos. Acreditam no amor genuíno de estranhos, mãe.

— Você precisa abrir seu coração e confiar que existe muita gente boa no mundo, que vai te respeitar e amar do jeito que você é.

Ri e passei as costas da mão nos olhos.

— Guardo minha última gota de sensibilidade para aqueles que realmente importam, para aqueles que me devolvem.

— Sonho em ver você em um relacionamento estável e saudável, filha.

— Sem relacionamentos, sem embustes no meu pé — contraditei, sentindo uma fisgada dolorosa no estômago.

Mamãe terminou o curativo, então abracei o travesseiro, coloquei minhas costas na cabeceira da cama e tentei ignorar a fome.

— Viu seu primeiro amor por esses dias? — perguntou ela, enquanto recolhia os medicamentos.

— Não quero saber daquele idiota. — Revirei os olhos para o novo assunto e apertei minha barriga com a mão.

— Nem te falei... Conversei com Suzane no casamento do seu irmão... — Mamãe estudou meu rosto, fazendo-me fechar os olhos para poupar reações. — Ela nos convidou para a festa e cerimônia de formatura do neto.

— Eu só quero que Felipe se ferre, mãe. Que caia do palco, na frente de todos e deixe o prêmio de mérito acadêmico quebrar. Que reprove no exame da OAB. E se por um pequeno infortúnio conseguir passar, seja o pior advogado do escritório e o avô tenha vergonha do neto incompetente. Também desejo que ele seja traído na própria cama e com alguém próximo. Que uma alma caridosa divulgue seus nudos na internet e seu minúsculo poder de sedução vire chacota. É pequeno, dez centímetros, tenho absoluta certeza...

— Quanto amor, Alicia... — minha mãe me interrompeu e abri os olhos para flagrá-la rindo e mexendo no meu guarda-roupa. — A avó dele falou toda orgulhosa que o neto fez a prova da OAB nos últimos semestres da faculdade e passou de primeira.

— Eles são todos exibidos. — Deitei-me na cama e puxei o cobertor. — Estou com sono. Apenas me acorde amanhã, depois das quatro da tarde. Tenho uma festa à noite. Preciso dançar um pouco e esquecer a merda que fiz hoje.

— Você vai é descer comigo e almoçar. Só depois pode hibernar. — Ela estendeu um vestido. — Ponha. O almoço será servido.



— Obrigada. — Coloquei a mão na porta da caminhonete de luxo e esperei que o negro alto e muito forte destravasse o veículo.

Rosinaldo, mais conhecido como Rex, apelido que herdou em um ringue de luta clandestina, era o melhor amigo do meu irmão que, há alguns anos, se tornou nosso padrasto.

Rex chegou de mansinho, quando Luiz Miguel sofreu um grave acidente de moto e quase perdeu a vida. Apesar de jovem, ele apoiou minha mãe em absolutamente tudo e foi importante para ela. Depois de alguns socos e ameaças de morte, ele e meu irmão fizeram as pazes, abriram uma gigantesca academia de ginástica e venceram no empreendimento.

— Volto às onze. Esteja aqui, no mesmo lugar — instruiu mexendo no compartimento do carro. — Não beba, lembre-se da promessa que fez à sua mãe.

— Sim, Rex. Não vou beber. Agora, abre essa porta.

— Tome, use se precisar. — Me entregou um pequeno frasco. — É um spray de pimenta. Eu mesmo batizei.

— Você é maluco, Rex — reclamei, mas guardei o frasco na minha bolsa tiracolo.

— Agora vá, e não apronte. — Ele destravou o carro e empurrei a porta. — Onze horas, Alicia.

— Estarei aqui dez minutos antes, meu pai — ironizei, sacudindo os dedos em despedida.

— Vinte e três anos e não sei quando você vai deixar de ser uma adolescente — resmungou e fechou o carro antes que eu pudesse retribuir a ofensa.

— Abusado! — exclamei e me virei para ficar chocada com a fila da entrada. — Eu que não vou entrar aí.

Sem paciência, passei direto.

Ouvi reclamações, mas valeu a pena, pois a hostess era uma conhecida da noite e me liberou sem questionar.

Lá dentro, vi conhecidos de outras noites e cumprimentei-os, mas logo

minha garganta secou, então caminhei em direção ao primeiro bar. Foi aí que tive o desprazer de ver rostos desagradáveis.

A irmã paterna de Luiz Miguel estava no balcão com seu lindo namorado taiwanês. Ao lado deles, o ser loiro mais ridículo do universo, conversava com o novo casinho amoroso.

Não, eles não estragariam a minha noite.

Levantei a cabeça, empinei meu nariz e rebolei até lá. Só me notaram quando deslizei entre eles e coloquei meu cotovelo no balcão para chamar o barman.

— Boa noite, gatinho, uma sangria sem álcool, por favor.

— Tem certeza? — O barman que já me conhecia, ergueu uma das sobrancelhas, questionando o pedido.

— Isso mesmo, sem álcool, gatinho. Quero bem doce.

— Você é quem manda, ruiva. — O rapaz piscou e foi fazer seu trabalho.

— Como você está, Alicia, querida? — perguntou Nicole, a irmã de Luiz Miguel.

Ela gostava de provocar. Já havíamos rolado pela rua e arrancado o cabelo uma da outra quando éramos adolescentes.

Devolvi o deboche com um sorriso malicioso e desenhei o taiwanês com meus olhos.

— Que sorte a sua, irmã do meu irmão. — Fiz questão de morder o cantinho do meu lábio.

— Hoje não é um bom dia para me provocar, querida, irmã do meu irmão — Ela se irritou e gargalhei vendo-a segurar a mão do macho e carregar para longe de mim.

— Que ciumenta... — murmurei, me recuperando da gargalhada maléfica, sentindo um olhar desagradável arder em meu rosto.

O barman colocou a bebida no balcão e me deu uma piscadela. Toquei meus lábios no canudo e chupei sonoramente, sentindo o cheiro insuportável de Felipe Moedeiros penetrar em mim.

Eu odiava aquele perfume nojento, mas se ele não saiu, eu não faria isso também.



Capítulo 03

ALICIA

Mexia o canudo dentro do segundo *drink* quando Felipe não aguentou minha presença e se afastou do balcão. Mas quando pensei que ganharia aquela batalha infantil, ele agarrou a cintura da mulher e a beijou na boca, bem ao meu lado.

Em um segundo senti tudo queimar dentro de mim, e quando a língua do loiro entrou nos lábios da negra, antes mesmo de parar para meditar sobre o peso da atitude ridícula, joguei o *drink* inteiro na cara do casal.

Droga!

Com a taça na mão, observei o olhar furioso de Felipe transformar cada centímetro do meu corpo em uma estátua constrangida.

— Escorregou — dissimulei e a mandíbula do loiro trincou, assim como a pulsação em seu pescoço aumentou.

— Não, Felipe! — A mulher colocou a mão no peito do macho e o empurrou para longe de mim. — Ei, calma, vamos sair daqui.

Melindrosa, desviei o olhar, recuei furtivamente e corri para longe deles.

Fiquei com raiva de mim mesma por protagonizar a cena medíocre e resgatar a menina louca que fazia de tudo para chamar atenção na adolescência.

Eu estava desmoronando novamente. Pouco a pouco.

Tentei desaparecer no meio da multidão, mas Felipe veio por trás, agarrou meu braço e me levou por outro caminho. Só parou quando

chegamos a um local reservado, onde colocou meu corpo contra uma das paredes e tentou me intimidar com os olhos.

— Não se atreva. Vou gritar — praguejei, tentando me libertar das grandes mãos que cravaram seus dedos perto dos meus ombros.

— Quem vai te ajudar? Sobrou alguém para fazer isso? — Felipe não gritou, mas seu tom arrogante e excessivamente confiante me abalou. — O que levou você a se tornar esse ser tão ordinário e mesquinho?

— Dane-se você e os seus malditos questionamentos! — gritei, lutando contra uma ameaça de choro. — Odeio você Felipe... — Empurrei o bolo angustiante que apertou minha garganta. — Odeio!

— Não, você continua obcecada — rosnou em meus lábios, testando minhas fraquezas, querendo me humilhar.

— Só vejo uma pessoa obcecada aqui: você, na minha boca. É difícil esquecer, não é? — Destruída, debochei, mas isso só o fez empurrar seu corpo contra o meu. — Estúpido! Me solta, já está doendo.

Não me soltou e olhei para um pequeno canto de seu peito onde minha cabeça havia descansado algumas vezes na pré-adolescência.

— Você gosta de ser tratada com grosseria, ruiva. — Ele deslizou a boca sobre minha bochecha e sussurrou em meu ouvido: — Também gosta de pegada violenta. Ou você acha que os caras com quem você anda mantêm isso em segredo?

Foi como me rasgar ao meio. Meus lábios tremeram, as lágrimas quiseram vencer e pressionei meus dedos feridos, precisando aliviar o excesso de angústia. A dor externa sempre foi fácil de lidar, a dor interna dilacerava a alma.

— Você tem namorada. Não deveria estar aqui se esfregando em mim. — Virei meu rosto e nossos lábios roçaram. A sensação mais gostosa da minha vida, depois de anos, tornou-se a pior. — Me larga, Felipe. Seu cheiro desagradável está me enjoando.

Em silêncio, ele se fixou na minha boca e desceu até o decote. Foi o

suficiente para me fazer perder o último pedaço de segurança. Agora examinava todas as minhas imperfeições de perto. Se brincasse com o excesso de peso, me deixaria mais destruída.

— Você já foi doce, Alicia. Por que ficou tão amarga? — perguntou, quando me preparava para lidar com ofensas ao meu corpo.

— Vá investigar a vida da sua pobretona. Não te devo satisfação. — Mordi meu lábio com tanta precisão que senti o gosto de sangue.

— Mariana é de origem humilde, mas isso não a impediu de estudar, trabalhar e ser uma das melhores advogadas do escritório da minha família. Ela tem caráter. E você, com toda sua fortuna? O que está fazendo da vida? Quantos cursos fez depois do ensino médio? Aprendeu a respeitar as pessoas? — Virei o rosto — Olhe para mim! — Segurei meu queixo, virando-o para ele. — Essa foi a última vez que você testou minha paciência.

— Tudo isso por conta de um *drink*? — Inconformada com minha posição indefesa, coloquei a língua para fora e lambi o líquido doce e pegajoso de seu rosto. — Só assim para ficar gostoso. — Felipe fechou os olhos, como se estivesse controlando seu pior lado, então dei uma longa lambida nele.

— Inferno! — gritou, me fazendo encolher os ombros. — Não foi a droga da bebida, Alicia. Você espalhou que eu era *gay*! Você atacou várias amigas minhas a ponto de fazê-las mudarem de escola, provocou minha prima, invadiu minhas redes sociais para espalhar mentiras, quebrou meu primeiro maldito carro... — Ofegante, hesitou alguns segundos. — Arruinou minha adolescência e continua assombrando minha vida adulta... Me deixe em paz, caramba!

— Você prometeu!

— O quê, *porra*? — Segurei meu rosto. — O que eu te prometi? Me fala!

— Tenho certeza de que você é *gay*... — Fui vergonhosamente infantil e engasguei-me com angústia.

— Eu poderia dar a prova que você quer, Alicia, mas não tenho tesão

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Reféns do Coração: Enemies to lovers" e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).